

# PRÁTICAS DISCURSIVAS: UMA VISITA À CLÍNICA ONLINE GENDERCARE.COM

Pesquisa realizada no Programa Educação Tutorial de Psicologia  
da Universidade Federal do Ceará

2017

**Francisco Montenegro**

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (Brasil)

E-mail de contato:

[tenegrodan@gmail.com](mailto:tenegrodan@gmail.com)

---

## RESUMO

Gênero, corpo e sexualidade são categorias que têm sido empregadas, com significativa frequência, nas produções discursivas das mais diversas áreas das ditas Ciências Humanas e também em saberes como a medicina, notadamente os saberes psi (psicologia e psiquiatria). Falar dessas categorias exige, no entanto, a sua problematização e desnaturalização. Assim sendo, no presente trabalho nos propomos a fazer uma análise das práticas discursivas veiculadas pela clínica online *Gendercare.com*, questionando naturalizações, regulações e normatividades presentes em elementos como textos e testes veiculados no sítio digital no qual a clínica vende e realiza grande parte dos seus serviços. Por meio do referencial teórico metodológico das práticas discursivas e das discussões de autores pós-estruturalistas e *queer* empreendemos uma análise crítica das produções discursivas em torno dos modos de vida *trans* no site da *Gendercare*.

**Palavras-chave:** discurso, discursivo, género, sexual, identidade, corpo, sexualidade, queer, trans, testes.

Copyright © 2017.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## **GÊNERO E SEXUALIDADE: O CONTEMPORÂNEO EM PERSPECTIVA**

Gênero, corpo e sexualidade são categorias que têm sido empregadas, com significativa frequência, nas produções discursivas das mais diversas áreas das ditas Ciências Humanas (FOUCAULT, 1999, 2013a) e também em saberes como a medicina, notadamente os saberes psi (psicologia e psiquiatria). No entanto, a presença dessas categorias se dá por meio de sua reprodução acrítica, de forma naturalizada e sem qualquer questionamento. Assim, ideias binárias e heteronormativas (BUTLER, 2014) de corpo, “identidade feminina ou masculina”, “identidade sexual” e subjetividade são perpetuadas nas relações de poder-saber (FOUCAULT, 2013b) que constituem essas regiões do saber. A relação saber-poder em que os códigos de masculinidade e feminilidade são postos para funcionar, por sua vez, nos permite compreender o processo histórico de produção de uma matriz heterossexual que funciona de modo a regular as relações entre sujeitos sexuados e generificados produzidos dentro dessa mesma matriz. Constitui modos inteligíveis e ininteligíveis.

Falar de gênero, corpo e sexualidade exige, portanto, uma problematização que objetive sua desnaturalização. A desnaturalização do corpo pré-discursivo, a-histórico e naturalmente sexuado; o corpo estável e dimórfico pressuposto pela matriz heterossexual. Matriz na qual se produz a noção de corpo e experiência sexual normais. Nesse sentido, o que se quer aqui é problematizar essas categorias com vistas à sua desnaturalização, bem como questionar a normatividade imposta aos modos de viver, especialmente às experiências trans. A partir das ideias de autores como Michel Foucault, Judith Butler e outros de modo mais indireto, buscamos compreender o corpo, o sexo e o gênero a partir das relações de poder.

As discussões dos autores supracitados em torno da relação poder-saber que constitui e atravessa as ideias de sexualidade, corpo e gênero evidenciam o caráter histórico e contingente dessas ideias em contraposição ao construído e naturalizado corpo dimórfico e a concepção da sexualidade como uma experiência fundada numa genitália natural e heterossexuada (MÉLLO et al, 2012).

Neste trabalho, o alvo da análise é o sítio virtual de uma “clínica de gênero”, a Gerdercare. A partir de sucessivas visitas ao endereço eletrônico no qual a clínica vende os seus serviços, analisamos produções discursivas, que vão de textos a testes.

## NOVOS RUMOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Como se aproximar do sexo enquanto objeto de análise? Que dados históricos e sociais intervêm na produção do sexo? (PRECIADO, 2014).

Durante a revisão bibliográfica sobre transexualidade e estudos queer, encontrou-se um trabalho sobre a referida clínica (MÉLLO et al, 2012). Os apontamentos e descrições feitas sobre a instituição causaram estranhamento. Resolveu-se, então, visitar o sítio que servirá aqui como objeto de análise. Para tanto, utilizar-se-á o referencial das práticas discursivas como metodologia, ou, melhor dizendo, como elemento facilitador da análise. Conforme nos diz Sampaio (2013, p. 4), as práticas discursivas são um referencial de pesquisa “que defende um posicionamento crítico e ético, a partir do qual é necessário estranhar e questionar categorias naturalizadas socialmente”.

Sendo assim, as práticas discursivas (SPINK, 2004) parecem ser, neste estudo, uma forma crítica de analisar as produções da *Gendercare* de modo a identificar e subverter noções cristalizadas e normalizadas de corpo, gênero e sexualidade veiculadas pelas produções da clínica em relação às pessoas trans. As práticas discursivas seriam, então, “língua em ação, isto é, as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (SPINK; MEDRADO, 2004). É importante ressaltar que as práticas discursivas são permeadas por relações, disputas de poder históricas e contingentes; materializadas “em falas e textos mediante uma dinâmica (enunciados e vozes sociais), certas formas (gêneros de fala) e conteúdos (repertórios interpretativos) [...]” (SAMPAIO, 2013, p. 23).

Neste trabalho tentamos aliar as possibilidades metodológicas das práticas discursivas às contribuições éticas e epistemológicas do movimento queer. Entendido aqui enquanto um conjunto de estudos transitórios que ocupa-se de regimes de poder específicos sem ambicionar uma totalidade ou síntese conceitual. Não busca definir o que é o gênero mas, ao contrário, abalar nossas certezas no que diz respeito à ontologia do sujeito. Tem sido de modo mais destacada uma crítica dos regimes locais de produção da identidade. Mais comprometido com as margens e a diferença que com a identidade. Aqui o queer é entendido como analítica; um movimento que empreende uma analítica da normalização. Falamos aqui de uma analítica queer. Empreendimento intelectual pós-identitário (MONTENEGRO, 2014; MONTENEGRO, 2015; MONTENEGRO, 2016).

As considerações da analítica queer constituem neste trabalho ferramentas fundamentais para o que temos chamado de gênero e sexualidade nas últimas décadas. Não se trata de um novo corolário ou novos verbetes para definir o que é gênero e sexualidade mas, ao contrário, trata-se de uma coleção de compromissos intelectuais que tentam mostrar que as coisas não são tão

óbvias quanto parecem ser. É crítica que compreende uma dimensão ética, política, estética e epistemológica.

Produzir conhecimento com o prisma do queer significa entender que as dualidades e assimetrias na produção do conhecimento já não se sustenta. É considerar a proliferação dos híbridos que as nossas estruturas de saber-poder ocidentais gestadas na “modernidade” jamais abarcaram. Nesse sentido consideramos muito importantes as considerações de Bruno Latour ao propor a sua antropologia simétrica (LATOURE, 2009). A antropologia simétrica preza por uma superação das assimetrias na produção científica ocidental decorrentes da querela Natureza X Cultura. A proposta de Latour encerra a superação da dualidade humano x não-humano o que nos parece convergir para um horizonte queer onde o compromisso é pela desontologização do sujeito; o queer é um campo que aposta na potência do inumano. Ideias como o gênero prostético, tecnologias de gênero e sexualidade presentes no pensamento de Preciado (2014) e mesmo a problematização em torno do ciborgue de Haraway (2009) apontam para um mesmo panorama na produção do conhecimento. É nesta senda que buscaremos nos situar também ao longo do presente texto. Usaremos a caixa queer de ferramentas para uma análise discursiva das produções selecionadas em *Gendercare.com*. Essas ferramentas aliadas ao escopo das práticas discursivas nos permitem um enfrentamento das assimetrias na pesquisa em psicologia (HÜNING, 2014).

### **O Dispositivo de Sexualidade: a relação entre sexo e verdade**

O dispositivo de sexualidade pode ser entendido, visto que falamos a partir de uma visada arqueogenealógica, em seus efeitos. Sendo um dispositivo de poder ele atua produzindo e regulando um poder-saber (FOUCAULT, 2013b) sobre o sexo, construindo condutas sexuais normais e as anormais. As sexualidades normais e as periféricas. Desta forma, o dispositivo de sexualidade produz tecnologias que agem como forma dominante de normalização do sexo. É importante demarcar o que estamos chamando de dispositivo:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2014, p. 364).

Nas suas problematizações sobre a sexualidade Foucault objetivou golpear as relações que o ocidente, através de relações de poder históricas, construiu entre sexo e verdade. Nessa leitura é

o dispositivo de sexualidade mesmo que forja o sexo como ponto ideal necessário ao seu funcionamento. O sexo, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade. O sexo, ficção política pela qual todos devemos passar para termos acesso à nossa própria inteligibilidade. “Precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?”, pergunta Foucault (p. 1, 1983). Sobre as relações entre sexo e sexualidade ele nos alerta:

Não se deve imaginar uma instância autônoma do sexo que produza, secundariamente, os efeitos múltiplos da sexualidade ao longo de toda a sua superfície de contato com o poder. O sexo é, ao contrário, o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres (FOUCAULT, 2012, p. 169).

Entender o que é e como funciona o dispositivo de sexualidade é importante para a análise que nos propomos a fazer aqui, uma vez que, enfatizamos os efeitos de governo das pessoas através das tecnologias de gênero e, conseqüentemente, do sexo.

### ***Gendercare e o MF9<sup>1</sup>***

No home do seu site, a *Gendercare* apresenta-se como “a primeira clínica no mundo a prestar auxílio profissional a pessoas com problemas de gênero a distancia via internet” (sic), e que desde a sua fundação em 2001 desenvolve “conhecimento e métodos com a finalidade de avaliar/diagnosticar todas as pessoas dentro do espectro de diversidade de gêneros” (sic). Os “procedimentos” “rápidos, precisos e acessíveis” anunciados pelo sítio consistem, a princípio, num diagnóstico via internet, composto por quatro passos e é “OBRIGATÓRIO”. Em seguida, o processo de harmonização e transição acompanhado “pela web”. Nesta etapa, conforme informa a opção “Pacote trans” do sítio, por três meses a *Gendercare* acompanha o cliente em transição:

Após o recebimento dos resultados desses exames (você escaneia e manda para nós), poderemos começar a terapia hormonal. Para tanto, por emails enviaremos instruções. Você pode seguir comprando o que solicitarmos em uma farmácia próxima, ou poderá mostrar para seu clínico local e solicitar uma receita local, se necessário. Não podemos enviar receitas pela Web (*Gendercare*, Pacote trans).

---

<sup>1</sup> Teste “sexológico” gratuito oferecido pela Gendercare. Disponível em <<http://www.gendercare.com/Brasil/clinicP.html>>. Acesso em 13 fev. 2015.

Em seguida, a depender do caso, há a liberação de laudos (enviados por correio, assim como outros documentos preparados pela equipe da clínica) para procedimentos cirúrgicos: implante de próteses, eliminação do pomo de adão, feminização facial etc; e as cirurgias de SRS (sex reassignment surger): histerectomia, mastectomia, construção do pênis e vagina e dos pequenos e grandes lábios. Por fim, a redesignação civil deverá ser feita na cidade de origem dx cliente, com orientação jurídica da equipe da clínica. Para referendar suas práticas, a *Gendercare* se vale de um discurso no qual evoca a precisão originada de um rigor e objetividade científicos - eminentemente biologizante. Para falar da experiência trans, recorrem a argumentos da neurociência segundo os quais o gênero decorre de uma “biologia cerebral extremamente complexa”.

A Dra. Torres, a fundadora da clínica, fala em vários textos - dispostos no sítio - sobre a diversidade e multiplicidade no “espectro do gênero”, no entanto, incorre numa ideia de corpo como materialidade inerte e determinada pela biologia, assim como o sexo. Num dos textos do blog, o caráter de uma produção de saberes normalizadores é evidenciado pela afirmação de Dra. Torres em relação à transexualidade. Ela escreve:

Transexualismo (uma das possíveis situações de disforia) é patologia. Precisa de cirurgias e tratamentos hormonais corretivos e adequadores, para harmonização da pessoa em sua integralidade. Não importa a causa da disforia: se um erro de avaliação, se uma cirurgia precipitada, se biológica, devido a problemas durante a gestação - é um problema médico, físico, que se resolve cirúrgica e endocrinamente.

Para “avaliar o gênero” a *Gendercare* se vale de testes, “sexológicos” e psicológicos. Um deles é o MF9, teste para quem “nasceu com genitais masculinos”. Nele, por meio de enunciados binários e heteronormativos, os ideais reguladores de gênero se fazem presentes, as perguntas e as alternativas buscam claramente a coerência entre sexo / gênero / práticas sexuais pressupostos pela matriz heterossexual.

Assim, diz o item 4, “Comparado aos meninos de minha idade, eu não era agressivo, preferindo fugir dos outros a brigar com eles”. Infere-se aqui que essa afirmação busca fazer uma correlação entre atribuição que se faz convencionalmente no sistema de heteronorma: à feminilidade atribui-se a passividade. Tendo como alternativas “Certo” e “Errado”, o teste lança a questão a pessoas “MF” (pessoa que faz transição de “macho à fêmea”, a quem o teste se dirige). No item 8, o preenchimento de signos tradicionalmente femininos, clichês de gênero, caricaturas de gênero interpelam o testando: “Brincar de bonecas, casinha, roda, passa anel, com liberdade, era uma coisa que eu gostaria de fazer”.

E assim segue o teste:

9. Coisas perigosas eu preferia evitar, e não gostava de brincadeiras e jogos violentos

10. Histórias de caçadas, guerras, morte de animais, brigas e violência, certamente não eram as minhas preferidas

16. Em termos de liderança eu nunca fui muito competitivo, muitas vezes preferindo seguir um líder a comandar

18. Numa luta de agarra agarra eu não tinha vontade de me esfregar masculinamente nos outros (com o via que eles faziam)

19. Preferia que eles se esfregassem em mim, e não evitava situações em que isso acontecia

25. Entre jogar futebol com a "turma" e brincar de casinha isoladamente, preferia brincar de casinha

31. Brincar de bonecas e casinha, era meu sonho e um grande segredo

43. Sentir os seios se desenvolvendo, sentindo a dorzinha que as meninas diziam sentir, era meu desejo secreto

46. Como a maioria das meninas, eu também tinha o sonho do casamento de véu e grinalda

65. Eu nunca revidava no nível do poder e da masculinidade entre meninos; nunca passava por minha cabeça um revide na mesma moeda, mas femininamente eu ficava encabulado, ruborizado, sem graça, e fugia (ou cedia), quando meninos me assediavam

80. Não suportando mais a pressão de minha natureza feminina, passei a tomar hormônios femininos

100. Para mim é melhor ser uma mulher discriminada do que viver como um homem bem sucedido e respeitado

(segundo informações colhidas em:

<http://www.gendercare.com/testes/GendercareTestMF9.html>)



Nesses enunciados que integram o MF9 os códigos de masculinidade e feminilidade são evocados ora como realidade íntima e interior do sujeito, ora como essência existencial, às vezes como natureza biológica pré-discursiva, em nenhum momento como prática cultural. Aqui lembramos da consideração butleriana sobre o caráter performativo do gênero:

Nesse sentido, o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuante, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra (BUTLER, 2014, p. 48).

Longe de ser uma definição estanque, essa afirmação de Butler pode ser lida como uma ferramenta conceitual a ser operada em função do desmanche do gênero essencialista que seria informado pela genitália com que nascemos e se acoplaria às nossas práticas sexuais de modo a determiná-las (sistema sexo/gênero/práticas sexuais). É mais uma contestação que uma definição.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: *GENDERCARE* E A NORMALIZAÇÃO**

A partir do exposto acima, é possível dizer que, apesar de algumas afirmações contidas nos textos em seu sítio, a *Gendercare* produz sentidos normalizadores, seja em seu sítio, blog ou nos testes que aplica. Opera com uma noção de corpo fundada no biológico e, com isso, acaba por preconizar a ideia de normalidade. Por isso, joga discursivamente com termos como disforia de gênero, transexualismo e outros construídos no interior de uma matriz heterossexual que pressupõe uma coerência pênis-homem-masculino e mulher-vagina-feminino.

Em outras palavras, quando afirma que algumas pessoas precisam da readequação sexual ou de gênero para “viver de modo feliz em nossa sociedade”, a clínica acaba por operar numa lógica binária que busca conformar os corpos ao binarismo feminino/masculino e exclui os que não se enquadram nele. *Gendercare*, tal como os saberes biomédicos que evoca, produz, em certa medida, verdadeiras regulações de gênero.

Operando por estratégias discursivas e não discursivas a *Gendercare.com* retoma a relação entre sexo e verdade tantas vezes analisada por Foucault. Os enunciados normalizadores de



Gendercare – como foi demonstrado ao longo do presente texto - estão espalhados no sítio da clínica prontos para cooptar subjetivações trans num regime de verdade em que só é feliz quem está “nos conformes”. Quem está em plena congruência dentro da matriz heterossexual que produz a nós mesmos enquanto sujeitos de sexo e gênero; homens e mulheres.

Apesar do discurso em prol da variância no que concerne ao gênero as produções discursivas de *Gendercare* consideram apenas duas possibilidades de existência legítima: masculino ou feminino. Sua função é ajudar as pessoas a atingir a meta: plenamente homem plenamente mulher.

Quando falamos em meta leia-se normas regulatórias. Quanto a essas últimas é Butler quem nos traz a boa notícia de que elas jamais conformam nossos corpos por completo (BUTLER, 2010). Ou seja, na trajetória que é o gênero estamos sempre falhando, além disso, esta trajetória pode ser feita de modos outros. É a resistência que, tanto em Butler quanto em Foucault, se dá de dentro das malhas do poder. Ou seja, é dentro mesmo das normas regulatórias que podemos dismantelar o regime de produção da normalidade e anormalidade; dos corpos inteligíveis e ininteligíveis. Considerando a dimensão de resistência da crítica tal como nos é dita por Foucault ensaiamos aqui dinamitar a relação entre sexo e verdade a partir da análise das produções de *Gendercare.com*, a clínica de gênero online.

Ao longo da sua história a psicologia tem sido um elemento chave na insidiosa relação entre sexo e verdade que diz – no ocidente – em grande parte quem podemos ser ou quem devemos ser na vida cotidiana. Do cabaré ao lar, da rua à cama, da escola à clínica a relação entre sexo e verdade se enrobustece produzindo efeitos de controlo e regulação da vida. Produção de subjetividade, de fato. Este trabalho tenta se interrogar, em certa medida, como a psicologia tem sido agenciada para a consolidação do saber- poder sobre o sexo, das práticas regulatórias de gênero e sexualidade. Enfim, onde estamos nós nas engrenagens das estruturas de poder que constituem a matriz heternormativa do gênero e da sexualidade.

A *Gendercare.com* nos faz perguntar o tempo todo tal como fez Foucault diante da perseguição dos médicos a Herculine Barbin no século XIX: precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo? Herculine viu sua vida transformada (arruinada) porque a medicina de então achou de achar o seu verdadeiro sexo. Aparentemente ainda estamos obstinados pelo sexo e sua verdade, o ocidente contemporâneo ainda acopla sexo e verdade sobre o sujeito. *Gendercare* e a psicologia o fazem, ao que parece, com grande avidez. Afinal, a felicidade e a inteligibilidade passam pela sexualidade. O conto dos modernos ainda não chegou ao fim, a história da sexualidade não para de ganhar curiosos capítulos.

No seu prefácio ao livro “*Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*” (1982), Foucault menciona a existência de funcionários da verdade, deploráveis técnicos do desejo que trabalham para a manutenção da relação sexo-verdade. Diante do que encontramos em *Gendercare.com* perguntamos: de onde falam os funcionários da verdade embutida no sexo na atualidade em que vivemos?

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: Louro, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Arqueologia do Saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

\_\_\_\_\_. “O verdadeiro sexo”. In: Herculine Barbim: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

HARAWAY, Donna J. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HÜNING, SIMONE MARIA. *Foucault e o enfrentamento de assimetrias na pesquisa em Psicologia*. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima et al. (Orgs.). *Foucault e a psicologia na produção de conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

MÉLLO, Ricardo Pimentel; ALEXANDRE, Juliana Ribeiro; SAMPAIO, Juliana Vieira. *Entre terremotos, furacões e “modos de viver”, querem mudar de sexo? Compre o kit. Anais... ABRAPSO*, 9, Florianópolis SC, 2012.

MONTENEGRO, Francisco Valberdan Pinheiro. *Contribuições do pensamento de Michel Foucault para os estudos queer*. Anais do III Colóquio de Estudos Foucaultianos da UECE, Fortaleza CE, p. 131-144, 2014. Disponível in: <https://drive.google.com/file/d/0B69pGabtMhMV2ZtbzIwRINmWW8/view>

\_\_\_\_\_ (2015). *VISITING GENDERCARE: REGULATIONS IN THE GENDER CLINIC*. IV Seminário Internacional Gênero Cultura e Mudança, (pp. 32-36). Fortaleza. Acesso em 24 de Março de 2017, disponível em <http://fabricaedeimagens.org.br/wp-content/uploads/2016/04/anais-cog-15.pdf>

\_\_\_\_\_ (2016). *HISTORY PORTRAITS: dessubjetivação nos autorretratos de Cindy Sherman*. Anais do II Simpósio Internacional de Teoria Crítica e I Encontro Nexos: Teoria Crítica, (p. 17).

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1, 2014.

SAMPAIO, Juliana Vieira. *Dispositivo da sexualidade e saúde para transgêneros nas trilhas de Fortaleza*. Anais... *FAZENDO GÊNERO* 10, Florianópolis, SC, 2013.

SPINK, Mary Jane. *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. *Produção de Sentidos no Cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para a análise das práticas discursivas*. In: SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.